

Líder indígena é morto em Pernambuco

Pistoleiro disparou quatro vezes contra Chicão Xucuru, que lutava pela demarcação de terras tomadas por donos de fazendas

Ronaldo Brasiliense
Da equipe do Correio
Com agências

Um dos principais líderes indígenas de Pernambuco, o cacique Francisco de Assis Araújo, 46 anos, conhecido como Chicão Xucuru, foi assassinado ontem, às 10h30, em Pesqueira, a 214 km do Recife. Ele levou quatro tiros quando saía de sua residência, numa emboscada que teria sido planejada por fazendeiros da região. Chicão era o coordenador da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo.

As primeiras informações dão conta de que o crime foi cometido por uma única pessoa. O pistoleiro deu quatro tiros em Chicão na frente da casa do cacique e fugiu sem ser molestado. Até o final da tarde o assassino ainda não havia sido preso.

"Foi tudo muito rápido; só temos certeza de que o assassino não era daqui, pois ele disparou e saiu andando",

contou uma testemunha. O delegado de Pesqueira, Cleodon Calado, diz que o assassinato político não está descartado. O clima na cidade é de medo e as pessoas evitam comentar o assassinato do índio.

REVOLTA

Chicão vinha sendo ameaçado de morte desde 1986 por fazendeiros que invadiram a área indígena, com 27.555 hectares. Mas apenas 2 mil hectares estão homologados.

Os 7.500 xucuru estão revoltados com o assassinato de Chicão e ameaçam retaliar. Os índios falam em iniciar uma caçada ao assassino por conta própria, descrentes nas autoridades policiais do estado. Além do isolamento em uma área de apenas 2 mil hectares, dos mais de 27 mil a que têm direito, os índios vêem sua reserva invadida por 181 fazendas.

"O Conselho Indigenista Missionário alerta para o agravamento do clima de tensão caso o governo federal não tome providências no sentido de punir os mandantes e assassinos do cacique Chicão e não proceda à imediata retirada dos invasores da área indígena", diz o presidente do Cimi, dom Aparecido José Dias, bis-

po de Boa Vista, Roraima.

Os políticos da região dão respaldo às invasões promovidas pelos fazendeiros. Isso, segundo os índios, acaba fazendo com que os assassinatos de líderes indígenas fiquem impunes. "Não há dúvidas de que foi um assassinato político; Chicão foi morto por causa da luta dos xucuru por suas terras", acusou o presidente da organização não-governamental Brasil Mirim, Anacleto Julião.

Para o presidente do Cimi, ao protelar a retirada dos invasores da terra indígena xucuru, o governo, além de favorecer os latifundiários, torna-se o principal responsável pelo clima de violência instalado pelos fazendeiros contra os índios na região de Pesqueira.

"O CIMI ALERTA PARA O AGRAVAMENTO DO CLIMA DE TENSÃO CASO O GOVERNO NÃO TOME PROVIDÊNCIAS NO SENTIDO DE PUNIR OS MANDANTES E ASSASSINOS DO CACIQUE"

dom Aparecido José Dias,
presidente do Cimi

"O Cimi repudia mais este brutal assassinato de um líder indígena e a política indigenista do governo Fernando Henrique, que se omite na sua responsabilidade constitucional de demarcar, fiscalizar e proteger as terras indígenas", afirma dom Aparecido.

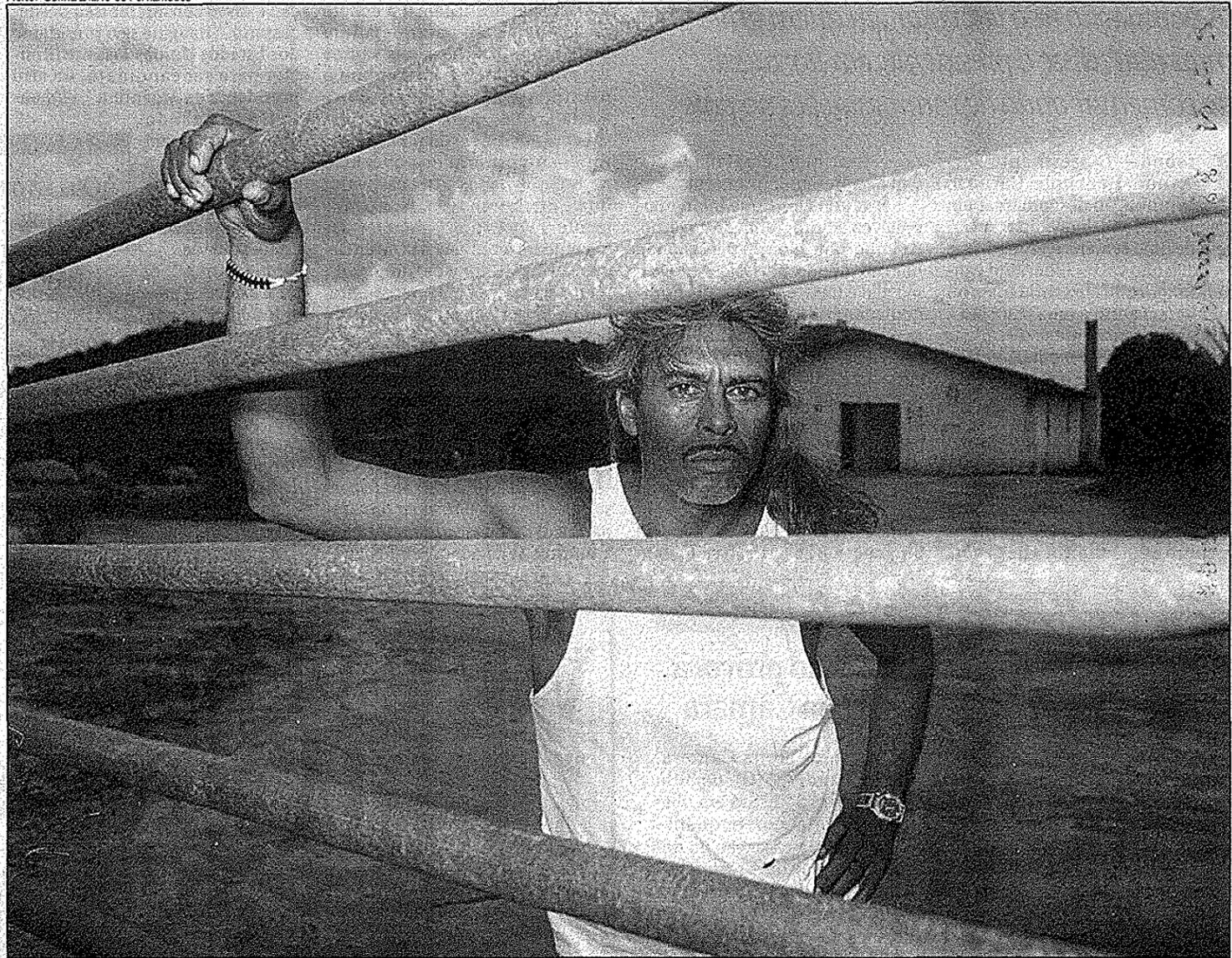
A briga entre índios e fazendeiros se acirrou em Pesqueira com a publicação do decreto nº 1775, do então ministro da Justiça, Nelson Jobim, que permitiu a contestação dos processos de demarcação de terras imemoriais dos índios brasileiros.

Com base no decreto, os fazendeiros invasores entraram com ação impedindo a continuidade da demarcação da reserva xucuru. A Justiça deu ganho de causa aos índios mas, mesmo assim, os fazendeiros entraram com mandado de segurança, paralisando o processo demarcatório mais uma vez.

Ainda em 1996, os conflitos na região aumentaram depois do decreto 1775. "Fazendeiros e a prefeitura de Pesqueira impetraram na época 272 contestações administrativas", disse Sandro Calheiros Lobo, da assessoria jurídica do Cimi no Nordeste.

Na madrugada do último dia 16, cansados de esperar por uma solução judicial para que os latifundiários deixassem suas terras, os índios retomaram uma das fazendas implantadas dentro da reserva, com 600 hectares, que foi adquirida por um comerciante da área depois da demarcação feita pela Funai.

Heitor Cunha/Diário de Pernambuco



Chicão, em frente à sua casa, em Pesqueira: líder dos xucuru, ele vinha sendo ameaçado de morte desde 1986 por fazendeiros que invadiram a área da sua tribo

ONG denunciou crime

O assassinato de Chicão Xucuru é mais uma morte anunciada entre líderes indígenas e de trabalhadores rurais sem terra que causam grandes estragos à imagem do Brasil no exterior.

"Numa reunião das tribos do Nordeste com a Funai, em Brasília, no final de 1995, o cacique Zé Santa, dos xucuru, já havia alertado que, com base no decreto 1775, alguns fazendeiros estavam comprando terras que iriam ser demarcadas pela Funai e estavam fazendo benfeitorias", recorda o deputado federal Fernando Ferro (PT-PE).

"Nessa mesma reunião, o governo foi alertado de que as lideranças indígenas da região estavam marcadas para morrer", acrescenta.

Para evitar uma tragédia maior, o deputado encaminhou solicitação ao diretor-geral da Polícia Federal, delegado Vicente Chelotti, pedindo a intervenção no caso para que o assassino seja preso o

mais rápido possível.

O cacique Xucuru esteve na França e na Suécia recentemente e tinha convite para discutir os problemas indígenas do Brasil no Canadá.

COMUNICADO

A organização não-governamental Mirim distribuirá comunicado a cerca de 60 ONGs internacionais denunciando a morte. "Não estamos acusando o vice-presidente, Marco Maciel, de ter mandado matar o cacique, mas o acusamos de se omitir da problemática das terras dos xucurus no Brasil", diz Anacleto Julião.

A cidade de Pesqueira é um reduto do PFL e a família Maciel domina politicamente a região.

O advogado Geraldo Rolim da Mota Filho, da Fundação Nacional do Índio (Funai), que prestava assessoria jurídica aos índios xucuru em sua luta contra os latifundiários de Pesqueira, também foi assassinado. (RB)

MEMÓRIA

HISTÓRIA DE MASSACRES E HUMILHAÇÕES

Quando o navegador português Pedro Álvares Cabral chegou a Porto Seguro, na Bahia, em 22 de abril de 1500, havia cinco milhões de índios no Brasil. Hoje, segundo o último censo da Fundação Nacional do Índio (Funai), feito em 1995, são 330 mil índios, a maioria vivendo na Amazônia.

Em quase 500 anos de colonização, os índios brasileiros foram submetidos a sucessivos massacres e humilhações. No processo de colonização do Maranhão e Pará, no final do século XVI, por exemplo, 40 mil índios tupinambás foram trucidados pelos portugueses.

De lá para cá, pouca coisa mudou. Somente este século, segundo o antropólogo Darcy Ribeiro, 67 povos indígenas foram extintos. Nos três primeiros anos do governo Fernando Henrique Cardoso foram assassinados 40 índios, segundo estatísticas do Cimi, uma entidade da Igreja Católica.

Os índios continuam à espera da demarcação de suas terras, enfrentando a invasão de suas reservas por madeireiros, garimpeiros e fazendeiros, como no caso da terra indígena Xucuru, invadida por mais de 180 fazendas.

E a Funai, a quem cabe zelar pelos índios, continua entregue à própria sorte, sem recursos sequer para demarcar as terras dos primeiros habitantes do Brasil. (RB)